

*drões se salvou”. Murphy comenta: “Por que desanimar? Um dos ladrões se salvou; é uma boa porcentagem”. Mas, em Esperando Godot, Vladimir lança a dúvida: “Por que só um dos quatro evangelistas registra que um ladrão se salvou? Os quatro estavam lá, ou perto, e só um diz que um ladrão se salvou. Dos outros três, dois nem sequer mencionam os ladrões, e o terceiro diz que os dois insultaram o Salvador”.*

*Como religioso, Beckett é metafísico, e questiona a identidade do “eu” humano de dentro. Preocupa-o, por exemplo, o ato de escrever, em que o escritor é ao mesmo tempo o agente e o paciente, uma parte de si descrevendo, e portanto vendo, o que a outra faz. Qual das duas é o verdadeiro eu? No fim, tudo se resume à célebre constatação de seu filósofo favorito, Descartes: Cogito, ergo sum. Seus personagens se pensam e se descrevem, se observam, e portanto existem; mas, ao serem pensados, descritos*

*e observados, se tornam por sua vez objetos de observação de um novo observador. Não há saída. Esse círculo vicioso só pode ser visto como uma corrente de pensamento, sempre móvel como a própria essência do ser. E ao seguir essa corrente, surgem os observadores, os Murphys, Molloyes, Malones, Eus, que contam histórias e, observando-se, tornam-se objetos de novos observadores.*

*Com isso, as obras de Beckett vão diminuindo cada vez mais de extensão. Em N.º 1, um monólogo de 20 minutos, de 1972, uma velha fala de seu terror e miséria, que ela própria não entende. Só se vê a boca da mulher no palco escuro. Em Breath, apresentada em 1970, a cena mostra, durante trinta segundos, um monte de lixo no meio do palco, ao som de arquejos e dos gritos de uma criança no fundo.*

*Em sua prosa, esse processo atinge o clímax neste Companhia, onde o perso-*